

## **MARIA DAS QUENGAS: UM CRIME, MUITAS VERSÕES, UM DESFECHO. A CONSTRUÇÃO DE UMA SANTA.**

**Ruan Carlos Mendes\***

**Resumo:** Segundo a tradição oral, Maria Agostinho dos Santos, também conhecida como Maria das Quengas, foi assassinada brutalmente numa tentativa de estupro, na zona rural do município de Russas-CE. Ao morrer defendendo sua honra virginal, Maria transformou-se numa espécie de Mártir. Esse e outros elementos colaboraram para o surgimento de um tímido culto à sua memória. Assim, ao longo do século XX, esse culto continua em construção, sendo atribuída a “Maria das Quengas” uma “identidade” de santa. As práticas devocionais à Maria das Quengas vêm sendo construídas/reelaboradas ao longo das gerações de devotos através da oralidade. Cada geração incorpora ao seu culto os anseios e angústias de seu tempo e espaço, buscando nessa relação com a martirizada Maria das Quengas um contato mais direto com o sagrado, esperando receber através dela o socorro para os problemas encontrados na busca pela sobrevivência no sertão Nordeste.

**Palavras-Chaves:** Religiosidade popular; devoção; santos populares.

### **A CRIME, SO MANY VERSIONS, AN ENDING. A SAINT CREATE.**

**Abstract:** According to the oral tradition, Maria Agostinho dos Santos, also known as Maria das Quengas, she was murdered brutally in a rape attempt, in the rural area of the municipal district of Russas- CE. When she die defending her virginal honor, Maria changed in a type of Martyr, and this and other elements collaborated to rise a shy cult of her memory. So, along the XX century, that cult continues in construction, being attributed "Maria das Quengas" a saint "identity's". The devotion practices to Maria das Quengas have been recreated along the generations of devotees through the orality. Each generation incorporates to his cult the longings and anguishes of them time and space, looking for in that connection with martyred a more direct contact with the sacred, hoping to receive through her helps for the problems found in the search to survival in the Northeastern interior.

**Keyword:** Popular religiosity; devotion; popular saints.

---

\*Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos-FAFIDAM/UECE, Graduando em História e bolsista do grupo PET.

### *Pensando práticas católicas*

A partir de 1980, no Brasil, o estudo das práticas e manifestações do catolicismo tornaram-se novos objetos de estudo para a história, especialmente para a história cultural, o que possibilitou novas abordagens, além de abrir um espaço maior para o um diálogo com outras disciplinas como a antropologia e a sociologia.

Ao estudarmos as práticas religiosas de um povo, podemos perceber quais são as relações mantidas com o sagrado e como essas pessoas criam suas visões de mundo. Dentro do catolicismo oficial existe o culto aos santos, que são tidos como protetores e heróis da Igreja, no entanto, ao lado dessa devoção oficial surge o culto aos santos que não são reconhecidos pela Igreja, mas são cultuados e venerados pelos fieis.

Para entendermos a construção de uma santidade é necessário antes termos uma compreensão do conceito de Catolicismo Popular, sendo este difícil de ser definido, já que se apresenta de muitas formas, incluindo desde ritos oficiais católicos até práticas de religiões Afro-Brasileiras (ANDRADE, VIANA, 2009).

Solange Ramos de Andrade faz um alerta para o uso do termo *Catolicismo Popular*. Segundo a mesma, ao se utilizar esse termo, os estudiosos estão olhando e analisando essas manifestações a partir da instituição, e não como uma manifestação com certa autonomia. Uma manifestação religiosa só é considerada “popular” quando outra dita “oficial” não a considera legítima.

No entanto, deixamos claro que o emprego do conceito de catolicismo popular neste trabalho, não é em detrimento de uma valorização da chamada religiosidade “oficial”. Não se pretende aqui, fazer um juízo de valor entre as duas formas de manifestações religiosas, até mesmo por que não se pode dissociá-las. Dessa forma, a utilização do conceito de religiosidade popular se fará neste trabalho pela sua já consagração na historiografia brasileira.

O Brasil foi colonizado por um país Católico, onde o Rei era o responsável pela implantação e conservação do culto católico na colônia portuguesa na América, havendo assim, a união da Igreja com o Estado. Dessa maneira, a religião católica foi imposta no território brasileiro pelos Portugueses. “O rei se considerava católico e via na irmandade com a religião uma forma de manter a unidade política e os súditos coesos através da fé” (ARAGÃO:53).

Durante a ocupação do território brasileiro a aliança entre poder político e poder religioso era firmada pelo sistema de padroado<sup>2</sup> adotado pela monarquia portuguesa. O historiador Guilherme Pereira das Neves nos explica em seu texto *A religião do império e a Igreja* que:

*O monarca detinha os privilégios de arrecadar e aplicar as receitas obtidas com o principal imposto direto da época, o dízimo, em princípio destinado à Igreja; de indicar bispos, cônegos e párocos para que as autoridades eclesiásticas os investissem em seus cargos; e de dar o seu beneplácito para que bulas e outros documentos pontifícios circulassem e tivessem validade no reino e domínios. (NEVES, 2009:383).*

Neves deixa claro que devido ao sistema de padroado era o rei que escolhia quem ficaria à frente das atividades religiosas, dessa maneira, alguns leigos eram escolhidos para essa função. Assim as pessoas desempenhavam suas práticas religiosas livremente e sem a preocupação do reconhecimento oficial da Igreja Romana.

Temos que destacar também que os indígenas que aqui viviam, e os escravos que foram trazidos da África, receberam e foram inseridos de formas diversas nessa religião “pronta” que estava sendo imposta a eles. Diante da obrigação de seguir essa nova religião, eles passaram a atribuir/fundir elementos de suas próprias crenças ao catolicismo.

A população brasileira é formada pela mistura de vários povos, sendo que cada um deles já tinha sua maneira de relacionar-se com o divino. No entanto, tiveram que passar a adotar os rituais católicos, já que essa era a religião oficial. Porém, todos esses povos trouxeram elementos de sua fé ao catolicismo, e, na mesma medida, resignificaram os ritos católicos as suas maneiras de se relacionar com o divino.

Só no final do século XIX, com a separação entre Estado e Igreja, devido a proclamação da República, e o processo de Romanização é que os locais de manifestação do catolicismo popular passaram a serem organizadas pelas ordens oficiais católicas, que estas passaram a considerar o catolicismo popular como uma derivação do folclore. Mas no século XX, com o concílio do Vaticano II (1962-1965) a Igreja buscou entender o Catolicismo Popular e assumir algumas dessas crenças populares como primordiais a religião oficial (ANDRADE, VIANA, 2009).

---

<sup>2</sup> “O padroado envolve extensa e intrincada legislação, (...) mas, reduzido à sua expressão mais simples, significa troca de obrigações e de direitos entre a Igreja e um indivíduo, ou instituição, que assume assim a condição de *padroeiro*” (NEVES, 2009:382).

O homem religioso tem a necessidade de vivenciar o sagrado, e como Deus está em um plano transcendente, acaba buscando um intermediário que, em certa medida é mais tangível. Desse modo, o santo ocupa uma posição privilegiada na relação do homem com Deus, pois é pela intercessão do Santo que, muitas vezes, Deus opera os milagres. Na concepção de quem crê, é através do santo que o devoto encontra as respostas para suas angústias e necessidades, e esse mesmo fiel anuncia as graças alcançadas, atraindo novos devotos que por sua vez vão aumentando o reconhecimento e a popularidade do santo.

O culto a um santo é histórico, criado mediante um processo, pois analisando-o podemos perceber aspectos de uma sociedade localizada no tempo e no espaço, suas demandas e anseios. Assim, como também se pode perceber quais as representações da realidade de um determinado grupo social, suas convivências e o que esse grupo busca, através do santo, como solução para seus problemas. A urgência em livrar-se dos males do cotidiano faz com que as pessoas busquem o auxílio nos cultos aos santos, não importando se eles são canonizados ou não pela Igreja Católica (ANDRADE, 2008).

O Brasil é um país onde o sincretismo religioso é muito forte, estando presente em toda a sua extensão territorial. O convívio de povos tão diversos pode ser um dos elementos que justifica a presença de um sincretismo, tão acentuado. Outro ponto importante a ser considerado é que o catolicismo vindo junto com os colonizadores portugueses era, em certa medida, mais tolerante, sendo menos ortodoxo por causa do Beneplácito Régio<sup>3</sup>. O que possibilitou a junção de diferentes credos e maneiras de se relacionar com o sagrado. O que resultou nesse catolicismo pouco ortodoxo que temos hoje em dia no Brasil.

Um dos elementos mais forte do catolicismo é o culto aos santos. Sendo estes santos modelos de santidade para um determinado grupo social, neste caso o povo sertanejo, que ver o santo de devoção como um advogado, um intercessor para obtenção de respostas do divino. No catolicismo a via de santificação mais rápida através da figura do mártir, aquele que morre defendendo a fé cristã ou valores defendidos pela Igreja Católica.

No nordeste brasileiro, esse catolicismo pouco ortodoxo, é ainda mais acentuado. Os sertanejos não tinham um contato de forma efetiva com os sacerdotes da Igreja Católica, e muitas vezes os próprios sacerdotes não são ortodoxos e em decorrência disso, não se tinha o

---

<sup>3</sup>Acordo entre o Estado brasileiro e o papa, no qual o Imperador do Brasil tinha poder sobre a implantação, circulação e validade de bulas, outros documentos pontifícios e das decisões da Igreja romana nos domínios do reino.

devido conhecimento dos sacramentos da Igreja. Sem a orientação do sacerdote, essas pessoas acabavam resignificando e reelaborando os sacramentos da Igreja. Segundo Kênia Rios,

*Acostumados a viver em lugares onde a ausência de padre é frequente, muitos sertanejos desenvolveram suas experiências religiosas sem atribuir uma importância fundamental aos sacramentos. Suas vivências religiosas eram constituídas sobretudo por um relacionamento com o sagrado sem a mediação dos sacerdotes, ou seja, eram compostas por uma tessitura de ligações com o santo protetor, diante do qual eram realizados os pedidos, os agradecimentos e as orações. Para as mais remotas paragens da caatinga, o sagrado se constituía muito mais mediante o oratório doméstico que através de rituais comandados por um sacerdote. Desenvolvia-se, então, um catolicismo pouco ortodoxo para os olhos da Igreja (RIOS, 2001:64).*

Dessa maneira, encontramos, em diversas partes do Brasil, um Catolicismo cheio de resignificado, pois as pessoas buscam uma forma de trazer para perto de si aquilo que é o intermediário entre elas e o divino. O santo oficial e o santo popular, desempenham essa função de tornar o sagrado mais próximo do devoto, não havendo uma separação na forma de cultuar, pois as práticas do catolicismo oficial são utilizadas pelos devotos na veneração dos santos populares.

No catolicismo popular que encontramos no sertão nordestino, ser devoto de um santo vai muito além de uma prática religiosa. Ser devoto para o sertanejo é buscar no protetor a explicação para sua vida, à solução para os seus problemas, é uma busca constante pela sobrevivência, contando, sempre, com o auxílio daquele no qual deposita sua fé. Segundo Rios,

*No catolicismo vivenciado no Sertão, ser devoto de um santo é reafirmar que o mundo tem sentido, ou melhor, que a vida está inserida em uma complexa tessitura de protetores e protegidos. Além disso, ser devoto é, também compor ou improvisar táticas de sobrevivência. Essa experiência religiosa é, em certa medida, uma das formas pelas quais os fiéis procuram resolver os mais variados problemas do cotidiano, uma das maneiras de enfrentar as agruras e desafios colocados pelo viver (RIOS, 2001:78).*

Ser devoto de um santo no nordeste é também uma espécie de apadrinhamento. Na falta de padrinhos poderosos na terra conta-se com a proteção de padrinhos poderosos nos céus. E assim o padrinho protege, ajuda e consola. Tem poder de decisão.

A família também era um espaço de propagação do catolicismo, sendo comuns os oratórios domésticos, onde se colocavam os santos protetores oficiais da Igreja. Mas ao lado desses santos reconhecidos canonicamente são também colocados os santos ditos populares, como por exemplo, o Padre Cícero, que tem sua imagem em quase todo oratório doméstico

do sertão. No entanto, em muitos casos o santo não canônico não possui imagem, mas é colocado lado a lado na oração daquele que crê. A devoção do sertanejo não diferencia o santo oficial do santo não oficial. Assim, a forma de se relacionar com ambos os santos não se distancia. Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala já falava dessa proximidade que o brasileiro tem com os santos, essa “falta de cerimônias”.

*Ao lado dos santos oficiais havia os populares que eram considerados da família e, embora irregulares canonicamente, ajudavam seus próximos, pois estão na obrigação de defender e ajudar seus patrocinadores porque os conhece (ARAGÃO, 2011: 54).*

Alinhado ao pensamento de Iury Parente Aragão, a historiadora Iara Toscano Correia nos esclarece: “Esses personagens caminham lado a lado com as santidades oficiais, embora com perfis diferenciados, possuem a mesma capacidade de intermediação milagrosa e de devoção” (CORREIA, 2003: 171).

São muitos os santos não canonizados brasileiros, estando estes espalhados por todos os estados. No imaginário popular esses santos tem o poder de amenizar as angústias e mazelas da vivência sofrida de um povo, já que tem uma aproximação maior, pois vieram do mesmo espaço e condição social, fazendo com que aconteça uma identificação maior dos fiéis com esses santos não reconhecidos pela Igreja Católica, pois são visto pelos devotos como “gente como a gente”, e agora que estão próximo do divino intercede por aqueles que oferecem devoção.

### ***Um crime, muitas versões, um desfecho. A construção de uma santa***

Maria Agostinho dos Santos foi violentamente assassinada na zona rural do município de Russas-CE, no ano de 1893. O crime, segundo as fontes das quais dispomos, incluindo os relatos orais dos moradores da localidade de Pitombeira II, chocou a sociedade da época. Maria Agostinho era, também, conhecida como Maria das Quengas. Relata a tradição oral, que a alcunha atribuída à Maria Agostinho está relacionada ao fato de que a mesma costumava carregar, amarradas à cintura, quengas de coco, artefatos utilizados para esmolar, tomar café e fazer suas refeições.

A história de Maria das Quengas estava circunscrita apenas aos moradores da localidade onde ocorreu o crime. No entanto, foi o Advogado e escritor russo Airton

Maranhão<sup>4</sup> quem nos apresentou a história dessa “santa popular”, por meio de uma crônica publicada em sua coluna no site da TV Russas.

Nessa crônica, o escritor e memorialista russo nos apresenta detalhes de como ocorreu esse crime e da construção do culto atribuído à Maria das Quengas. Sobre o momento da morte Maranhão nos fala o nome do assassino e de este foi frio:

*Por relatos, numa luta corporal, Antônio Meireles golpeou Maria das Quengas com um machado. Ao relatar para não perder a virgindade, ele a mutilava viva, arrancando-lhe os olhos, a língua e o nariz com as mãos. E, sem conseguir cópula nem estrangulação, decapitou-a com uma machadada. Depois, estuprou-a, cometendo o crime de necrofilia. Maria das Quengas preferiu morrer virgem a satisfazer as fantasias do monstro russo. Cumpriu sua missão divina de não manchar a honra de santa, pura e virgem.*<sup>5</sup>

O brutal assassinato do qual foi vítima, transformou Maria das Quengas em uma espécie de mártir da localidade. Ao morrer defendendo sua pureza virginal, Maria das Quengas, enquanto vítima agregou um conjunto de elementos simbólicos que colaborarão para o surgimento de um tímido culto à sua figura. Próximo ao local do crime foi colocada uma cruz a beira da estrada, sendo esta a referência para a devoção popular até hoje. Assim, no decorrer de todo o século XX, foi sendo construída e atribuída à Maria das Quengas a identidade de “santa”.

Dessa forma, tomaremos como sujeitos de nossa pesquisa, os fiéis que já adotaram Maria das Quengas como sua intercessora divina, buscando, com ela, estabelecer relações de fé.

Para a construção desse trabalho foram realizadas entrevistas com os devotos de Maria das Quengas. A oralidade é a maneira mais eficiente de difusão de uma mensagem, e mesmo que não haja um consenso entre as pessoas da conversa, há um enriquecimento da mensagem. As versões para como foi o assassinato de Maria das Quengas são as mais variadas possíveis e cada devoto acredita na sua, acrescentando também elementos que justificam essa santidade popular.

---

<sup>4</sup> Originário de Russas – CE. Formado em Direito pela Universidade de Fortaleza – Unifor, advogado militante da Comarca de Fortaleza, e romancista. Livros publicados: Deusurubu, Admirável Povo de São Bernardo das Éguas Ruças. Romances: A Dança da Caipora, Os Mortos Não Querem Volta e O Hóspede das Eras. Membro da ARCA – Academia Russana de Cultura e Arte.

<sup>5</sup> Crime e milagres de Maria das Quengas. Disponível em: <http://tvrussas.com.br/artigo/205/crime-e-milagres-de-maria-das-quengas/> Acessado em 28/07/2014 15h12min.

Quase todos os devotos que foram entrevistados para este trabalho, apresentam uma versão para como esse crime ocorreu. As narrativas se assemelham em muitos pontos, mas também apresentam disparidades, mostrando que a memória é seletiva e que cada devoto lembra-se do que é importante para ele e atribui aquilo do seu ponto de vista fortalece e legitima o culto. Como nos fala Durval Muniz:

*Na memória fica o que significa, na História se ressignifica o que fica, esta é a violência do historiador que, com seus conceitos, atribui novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstituindo-as desmanchando suas teias. Violar memórias faz com que seja gestada a História que está sempre em busca de um sol para orientá-la (ALBURQUERQUE JR, 2007: 207).*

A primeira entrevista foi realizada no dia 02 de julho de 2013 na residência de dona Francisca Rosa de Lima, agricultora aposentada que mora em uma casa muito simples ao lado da cruz de Maria das Quengas, na localidade de Pitombeira II, na cidade de Russas. Dona Tica como é conhecida pelos moradores da Localidade, é a atual zeladora da cruz que marca o espaço de memória de Maria das Quengas e só teve conhecimento da história da “santa” popular quando foi morar ao lado da cruz. D. Tica é uma senhora negra, viúva já duas vezes, natural de Limoeiro do Norte, tem uma aparência cansada devido à luta diária, porém sempre está disposta em sua função de zeladora da cruz de Maria das Quengas. As funções de zeladora da cruz consistem em limpar o espaço, aceder velas e também cuidar das esmolos oferecidas à “santa popular”.

Quando indagada sobre como teria ocorrido a morte de Maria das quengas, Dona Tica narra uma pequena versão para o crime.

*A história dela que eu ouvir dizer que ela tinha ido pro mato caçar lenha, ai quando veio um rapaz e viu ela, ai se agradou dela. Ai ele vinha até da roça, ai mandou os trabalhador ir simhora na frente. Os trabalhador vei e ele ficou pra procurar ela. Parece que ela não quis ele. Ai ele foi e matou ela, agora quem é que eu não sei. Diz que quem matou ela... partiu ela em quatro parte<sup>6</sup>.*

Na narrativa da entrevistada podemos perceber Maria das Quengas como uma mulher trabalhadora, típica do sertão cearense, que vai ao mato “caçar” lenha. Como nos exemplifica Miridan Knox Falci em seu texto *Mulheres do Sertão Nordestino*:

*As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureira e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher. (FALCI, 2000: 250).*

---

<sup>6</sup> Francisca Rosa de Lima (Tica), 64 anos.

O assassino também é apresentado como um trabalhador, pois também vinha do mato. No entanto, pode-se perceber que não era um homem pobre, já que vinha acompanhado de trabalhadores, no sertão nordestino é comum o dono da terra, ou então do “cercado”, coloca trabalhadores para cultivar a terra juntamente com ele.

Maria das Quengas é colocada por Dona Tica como uma mulher que “agradou” ao seu assassino, ou seja, foi desejada por esse homem. Desse modo, a vítima pode ser interpretada como uma mulher bonita, que despertava interesse nos homens. Desejo esse que levou a esse homem a matar Maria das Quengas. A entrevistada afirmou não saber quem era o assassino, mostrando em sua fala que não queria comentar sobre o assassino.

Falar sobre um crime tão cruel, mesmo depois de vários anos, ainda incomoda as pessoas da região. Muitos temem falar sobre o assassino, como é o caso da senhora Francisca Maria Regis Ribeiro.

*Disgrave aí, por que eu não sei né? Eu ouvir falar, viu? Por que depois podem vim perguntar a mim. O pessoal dizia, viu? Que ela era uma moça solteira. Aí tinha um rapaz que queria gostar dela, aí ela não queria, sabe? Até chama Maria das Quengas por que ela vivia com uma quenginha na mão. Aí foi essa mulher e esse rapaz perseguindo e perseguindo, aí ela rodando nesse pau, rodando nesse pau até que matou ela<sup>7</sup>.*

No início de sua fala, a senhora Francisca Maria não queria falar sobre o assassino e pede até para “desgravar” a entrevista, mas resolve narrar o caso, sempre afirmando que ouviu falar, isso por a mesma teme um comprometimento, teme que alguém venha tomar satisfações com ela. Mostrando assim, que um crime de assassinato intimida as pessoas, mesmo depois de século.

A narrativa de Dona Francisca Maria, conhecida como Tete, nos apresenta dois novos elementos importantes. O primeiro elemento é o fato de a entrevista coloca Maria das Quengas como uma “moça solteira”, tornando a vítima ainda mais indefesa e injustiçada, pois uma moça solteira, segundo os costumes da sociedade nordestina da época, não deveria estar no mato “caçando” lenha. Falci nos apresenta um ideal de mulher no sertão: “Ser filha de fazendeiro, bem alva, ser herdeira de escravos, gado e terras era o ideal de mulher naquele sertão” (FALCI, 2000: 242) E se Maria das Quengas ali estava “caçando lenha no mato” era por que era uma moça pobre, ou seja, fugia desse ideal de mulher. Dessa forma, o assassino queria se aproveitar da inocência e falta de proteção da jovem, mostrando-se covarde.

O segundo elemento apresentado por Dona Tete é referente ao crime, pois segundo a mesma, a morte aconteceu durante uma perseguição em torno de um “pau”. Para melhor explicar esse fato, a entrevistada pede a seu pai, o senhor José Airton Regis, que estava presente no momento da entrevista, que nos conte como foi essa perseguição.

*Ela correndo arredor do tronco de uma oiticica e ele rebolando pedra até que matou, matou de pedra. Ele queria transar com ela e ela não queria, que ela era*

---

<sup>7</sup> Francisca Maria Regis Ribeiro (Tete), 51 anos.

*virgem. Aí ficou arrudiando a oiticica, arrudiando a oiticica e num apareceu ninguém, aí matou*<sup>8</sup>.

Para o senhor José Airton, Maria das Quengas foi morta a pedradas, após rejeitar esse homem. E o crime só aconteceu por que “*num apareceu ninguém*” para socorrê-la. No entanto, o elemento que nos chama mais atenção na narrativa do seu José Airton, é quando ele fala que a vítima não permitiu o ato sexual porque era virgem, ou seja, estava defendendo sua honra. Nesse período do fim do século XIX, a honra de uma moça era seu bem mais valioso, “numa época em que a virgindade da moça era vista como condição primeira”(FALCI, 2000:258). Desse modo, ao defender sua virgindade Maria das Quengas mostrava que era uma jovem de respeito. A luta para manter a pureza virginal é um dos elementos mais importantes para a construção do culto em torno dessa santa popular, pois a virgindade feminina é muito significativa dentro do catolicismo, tendo sua representação Maior na Virgem Maria, mãe de Cristo, mas a respeito dessa construção do culto falaremos no segundo capítulo.

Em relação a idade de Maria das Quengas, é seu Valdir Araújo de Lima, devoto que mora em frente ao cruzeiro, que narra sobre a condição de “moça velha” de Maria Agostinho dos Santos. Seu Valdir tenta legitimar sua narrativa ao enfatizar que foi uma das primeiras zeladoras da cruz, que lhe contou a história de Maria das Quengas. O devoto nos fala:

*Ela (Quininha, antiga zeladora da cruz) sempre me contava, eu pequenininho, eu me lembro muito bem, que essa mulher (Maria das Quengas) ela pedia esmola numa quenga, era uma moça, moça velha, velha assim que eu quero dizer no bom sentido, vamos supor que naquela época ela tivesse de 15 a 18 anos, né? Nessa época, acredito que tinha sido a idade dela (...) e ela tirava... ela pedia esmola na na... era pobrezinha a família, toda vida era pobre, aí ela pedia esmola numa quenguinha nas casas que era muito difícil nessa época, uma casa aqui outra aculá, né?*<sup>9</sup>

O devoto fala que Maria das Quengas era uma moça velha, mas temos que ter claro que a forma que concebemos uma moça velha nos dias atuais, é muito diferente de uma moça velha nos anos finais do século XIX. Ainda segundo a historiadora Miridan Falci, pode-se afirmar que a moça do sertão:

*Casava debaixo de cuidados de cuidados, observações e recomendações de toda a sociedade, entre os 15 e 18 anos, pois se passasse dos 25 anos sem se casar seria considerada “moça velha”, “moça que tinha dado o tiro na macaca”, ou ainda moça que chegara ao “caritó” (FALSI, 2000: 259).*

O próprio entrevistado faz essa análise, quando fala que a idade da Maria Agostinho fosse entre 15 e 18 anos, pois na época em que ela viveu, era comum a mulher casar muito nova. Dessa maneira, uma jovem com 17, 18 anos já era considerada uma moça velha.

A sociedade de outrora, e nossa sociedade atual, muitas vezes coloca a margem essas mulheres que não casam, muitas ficam morando sozinha, tendo uma velhice solitária. Por isso que o devoto sente a necessidade de falar que Maria das Quengas era uma “*moça velha*”

<sup>8</sup> José Airton Regis, 79 anos.

<sup>9</sup> Valdir Araújo de Lima, 58 anos.

*assim que eu quero dizer no bom sentido*”. Seu Valdir também deixa clara a condição de pobreza de Maria Agostinho, pois a mesma esmolava nas casas com uma quenga de coco.

Alguns devotos atribuem às quengas de coco carregadas por Maria Agostinho a outras utilidades. A devota Alba Maria Bandeira Moreira nos narra que:

*Ai ela ia pros matos, ia apanhar aqueles cocos secos quando caia e e fazia aquelas... num sei se você sabe, aqueles buraquinho assim e enfiava um pauzinho no meio. Pois é, ela fazia aquilo ali pra vender, pra sobreviver, que nesse tempo num era aposentado, né?*<sup>10</sup>

Os utensílios aos quais a devota se refere são conchas artesanais, muito utilizadas na região para retirar feijão cozido da panela. A concha era feita com a quenga do coco e um pedaço pequeno de madeira. Segundo a entrevistada, Maria das Quengas vendia essas conchas de quengas, uma forma de lutar pela sua sobrevivência.

Não obstante, outras devotas apresentam outro modo de sobrevivência para Maria das Quengas, falam que os já citados feixes de lenha, retirados no mato, eram para ser vendidos na cidade. Francisca Maria de Freitas Silva, ex zeladora da cruz de Maria das Quengas, fala que:

*Ela tirava uns feixinhos de lenha no mato aqui do Peixe, num sei da onde, ela tirava o feixinho de lenha pra vender na rua, pra cozinhar, né? Que nesse tempo não tinha Butano, nem tinha fogão, tinha nada. Ai ela vendia esses feixinhos de lenha pra fazer alguma coisa.*<sup>11</sup>

Dona Francisca, assim como outros entrevistados, afirma que a lenha que Maria das Quengas estava tirando no mato quando foi assassinada, era para vender na cidade, conseguindo assim o seu sustento. Os devotos falam da retirada dos feixes de lenha no mato, enfatizando o sofrimento que essa mulher passava para sobreviver.

Francisca Marta Gomes, conhecida como Quingar, é uma antiga moradora da localidade de Pitombeira II, ela relata a atividade de retirar lenha no mato como uma atividade que fazia parte da rotina de Maria das Quengas, sendo através dessa atividade que ela conseguia o que comer diariamente.

*É da morte, ela foi pra 3 hora da tarde, todas 3 hora da tarde, ela saia pro mato cortar um feixe de lenha, um feixe de lenha era 3 tostão, ai ela comprava alguma coisa pra comer, né? Tava com fome. Toda tarde, e tinha um criatura que queria ela e ela não queria, e quando foi um dia ele matou. Pobre já tinha cortado a lenha, tava amarrando o feixe de lenha, já tava pra sair e ele matou ela. Ele fatiou ela todinha*<sup>12</sup>

Em seu relato dona Quingar, reafirma a condição de pobreza de Maria das Quengas, pois para a entrevistada, o que motivava a jovem ir para o mato tirar lenha era a fome, que era algo muito presente nessa sociedade sertaneja, castigada pelas secas no sertão. A narradora fala também que a vítima teria sido “fatiada”.

<sup>10</sup> Alba Maria Bandeira Moreira, 65 anos.

<sup>11</sup> Francisca Maria de Freitas Silva, 47 anos.

<sup>12</sup> Francisca Marta Gomes, 89 anos.

Até o momento podemos ver que para alguns devotos Maria das Quengas foi apedrejada, partida em quatro partes ou fatiada, como coloca dona Quinga. Mostrando que as narrativas em torno desse crime são diversas e ricas de elementos simbólicos. Mas vale ressaltar que são diversas nos pequenos detalhes, tendo um fio condutor comum: matar, desejo sexual do assassino, morte dolorosa e partição do corpo. Cada devoto conta a morte de Maria das Quengas com os elementos que são significativos em sua memória, elementos que tem uma representação em seu grupo social, como a virgindade, pobreza e morte cruel. A devota Francisca Maria também narra como foi o crime:

*Ai apareceu um rapaz, ai matou... Num sei se foi pelo dinheiro que ela ganhava nos feixinhos de lenha, né? Ai num sei, ai mato ela toda esforce... assim, de foïça, viu? No mato, ai pra trazer pro cemitério precisou trazer em saca de estopa os pedaços, ai fizeram o enterro e daí pronto<sup>13</sup>.*

Em sua narrativa a devota coloca que a vítima foi morta a golpes de foïce, ferramenta utilizada para cortar capim. Evidenciando que se tratou de um crime cruel e quando fala que “pro cemitério precisou trazer em saca de estopa os pedaços” do corpo da vítima, fica claro que a narradora está tentando enfatizar a frieza e crueldade do assassino. Buscando legitimar a construção de santidade em torno de Maria das Quengas.

No entanto, é na fala da devota Francisca Feliciano do Carmo (Nilda) que surge um elemento novo, uma testemunha ocular do crime.

*E esse cara, esse rapaz que matou ela também tirava lenha no mato, né? Ele tava perseguindo ela, né? Quer dizer que ele também tirava, andava até com um sobrinho, né? Nessas alturas ninguém sabe quanto tempo ele andava perseguindo ela, via ela só no mato, né? Quando um dia conseguiu pegar e matar. Ninguém sabe se ele conseguiu estuprar, né? Que nesse tempo, num existia isso agora para descobrir se tinha sido estupro e tudo, né? E ele matou ou foi de foïce ou foi de facão, num lembro. De foïce, de machado, o caba estraçalhou ela todinha, ela foi apanhada num saco de estopa. O sobrinho dele viu, mas só que ele disse que se o menino descobrisse, matava o menino, assim a história conta, né?<sup>14</sup>*

Na versão de dona Nilda os trabalhadores do assassino são substituídos por um sobrinho, mas este não podia contar o que tinha visto, pois tinha sido jurado de morte pelo tio homicida de Maria Das quengas. O menino ficou aterrorizado com o crime que presenciou. Em relação a esse rapaz que testemunhou o crime, Alba Maria (Albinha) fala que:

*Ai tem um rapaz, né? Um rapaz que... Tem a história do rapaz, né? Que tava dentro dos matos e viu, mas não podia socorrer, o rapaz ficou perturbado, né? E o rapaz não conseguia dormir, vendo aquela cena, ai ele foi num Padre e confessou pro padre, ninguém sabia quem tinha feito aquilo ali com ela, né? Ai o padre foi, meu filho por que você não dorme? Ai ele foi e disse que é um segredo, há muitos anos eu vejo aquela cena... aí contou. Aí parece que se juntaram e deram um dinheiro a esse rapaz, né? Pra ele ir embora, pra muito longe. Ai foi e veio a tona depois que ele saiu.<sup>15</sup>*

<sup>13</sup> Francisca Maria de Freitas Silva, 47 anos.

<sup>14</sup> Francisca Feliciano do Carmo (Nilda), 60 anos.

<sup>15</sup> Alba Maria Bandeira Moreira, 65 anos.

O fato de não ter socorrido a vítima deixou o rapaz angustiado, sem poder dormir, a narradora não fala se era um sobrinho ou trabalhador do assassino, podemos perceber que a função da testemunha foi denunciar o assassino e relatar detalhes do crime. Desse modo, os devotos vão atribuindo novos elementos a oralidade, enriquecendo a narrativa e o imaginário popular em torno de Maria das Quengas.

Para Albinha foi através de uma confissão ao padre que todos souberam do assassinato de Maria Agostinho. Não obstante, de acordo com a moradora da região Maria Ozana de Carvalho, o menino teria confessado o que viu a sua vó.

*Diz que parece que ele queria praticar sexo com ela e ela não quis. Ai ele com raiva pegou e cortou todinha e ainda andava ele e um menino, que ele também tinha ido buscar lenha no mato, ai depois que ele matou ela, que esquartejou, que a roupa ficou toda suja de sangue, ai ele foi cavou um buraco num pé de pau branqueiro (...) e enterrou a roupa, e o menino lá subiu assim num pau e viu todo acontecido, ai pronto, ele veio embora e disse pro menino: “Ói, se você contar o que você viu eu faço do mesmo jeito que eu fiz com ela”. Ai o menino ficou... naquela época o pessoal tinha medo, hoje em dia também tem medo, né? De morrer. Ai diz que quando o menino chegou em casa (..), essa criança adoeceu ai a vó dele dizia: “Fulano o que é que tu tem?”, e ele não dizia, chorando, ai com três dias ele foi e disse assim: “ Vó se eu lhe contar uma história a senhora não conta a ninguém?”. Ela disse: “Não”. Ai ele foi contou a história que quem matou a Maria Agostinho foi fulano, ai contou a história todinha, que a velha não contou conversa, pegou um pano, butou na cabeça e foi pra rua dizer pro...nessa época aqui não tinha quartel, tinha era... Delegado, né? Ai foi dizer ao delegado, ai quando chegou lá contou a história todinha, ai assim o delegado foi lá onde o menino tinha dito, quando chegou lá que cavou tava a roupa dele suja de sangue. Ai minha filha o menino se assombrou, ficou doente, pegou... Veio uma pessoa, naquela época vinha muita gente do Amazonas, ai veio uma pessoa, o menino foi embora e até hoje não voltou mais.<sup>16</sup>*

Nesse relato, a testemunha do crime é colocada como um menino, o que choca mais ainda, pois como fala a entrevistada a criança adoeceu. Pois não tinha estrutura para guardar um segredo tão grande. Nessa versão o menino não fala a verdade do que viu para o padre e sim para sua avó que estava preocupada com a saúde do neto. Ao saber do acontecido a senhora mostra determinação e denuncia para a polícia o crime cometido contra Maria das Quengas. É relevante nessa narrativa a presença de uma prova concreta sobre o assassino, já que o menino fala onde está a roupa do assassino suja de sangue.

Referente a quem seria o assassino de Maria das Quengas, a devota Albinha faz uma colocação interessante, anteriormente já tínhamos falado que o assassino, devido ter trabalhadores ao seu serviço, devia ser um homem que no espaço e tempo estudado deveria

<sup>16</sup> Maria Ozana de Carvalho, 77 anos.

ter minimamente boas condições financeiras. Reforçando isso, a referida devota fala o assassino era um coronel da região.

*É a história que eu sei, assim né? Que as pessoas mais antigas que conta. E aí um coronelzão, esses coronéis que passam nesses filmes, que manda matar e tal. E pediu e ela disse que não, preferia morrer do que se entregar, ele foi e matou, talvez usou ou num chegou a usar por que Deus num deixou, ele com a ira, ele matou, estrangulou ela e matou de pedaço e butou dentro de um saco.<sup>17</sup>*

Quando a devota coloca o assassino como um coronel, está querendo dizer que este tinha muito prestígio e riquezas na região, sendo desse modo respeitado e temido. Mesmo esse homem tendo tanto poder, Maria das Quengas se recusa a se entregar para ele, pois escolheu guardar sua virgindade, preferido a morte. Ainda segundo a devota o coronel irado com a rejeição acaba matando a pobre moça.

O primeiro entrevistado que falou o nome do assassino foi o senhor Valdir<sup>18</sup>, o nome do criminoso era segundo ele, Antônio Meireles. Informação também presente na cônica do advogado Airton Maranhão. Pelo que já foi observado nos relatos orais, o pai do assassino era de uma família influente e jurou que não tinha sido o seu filho que tinha cometido esse crime. Com relação a esse juramento feito pelo pai do assassino a esposa do seu Valdir, dona Nilda, nos fala que:

*O pai dele, o pai desse rapaz diz... aí começou sair a notícia que tinha sido esse rapaz, o pai dele tinha um cavalo, diz que bem mansinho o cavalo dele, todo dia ele ia dar banho no cavalo no rio, que quando surgiu a história que tinha sido o filho dele que tinha matado a Maria das Quengas, né? Ai ele disse que se tivesse sido meu filho que tiver matado ela, eu quero que esse cavalo me dê um coice e me mate, mas.. nem fechou a boca, ele acostumado, o cavalo bem mansinho, ele acostumado a banhar o cavalo, né? Tudo. E nesse dia quando ele disse isso o cavalo deu um coice e matou ele, ficou na beira bera do rio.<sup>19</sup>*

Segundo a entrevistada, o pai de Antônio Meireles falou que o seu cavalo poderia lhe dar um coice se tivesse sido seu filho o assassino de Maria das Quengas. Na tradição oral esse fato se concretiza e o homem acaba morrendo em decorrência desse coice. Os devotos interpretam esse acontecimento como a primeira manifestação dos poderes de Maria das Quengas, que acaba denunciando seu próprio assassino.

A devota não sabe se Antônio Meireles foi preso, e se foi preso quanto tempo passou na prisão. Mas faz parte do imaginário popular construído em torno de Maria das Quengas, como ocorreu a morte do assassino. Mais de um devoto narra como foi essa morte, mas é dona Nilda que melhor se faz compreender:

<sup>17</sup> Alba Maria Bandeira Moreira, 65 anos.

<sup>18</sup> Valdir Araújo de Lima, 58 anos. Devoto que mora em frente ao cruzeiro de Maria das Quengas.

<sup>19</sup> Francisca Feliciano do Carmo (Nilda), 60 anos.

*Aí depois que ele saiu (Antônio Meireles), talvez da prisão, né? Ele foi embora pra Fortaleza, foi embora pra Fortaleza. Disse que chegando lá, diz que ele casou, disse com uma mulher mais bonita que tinha dentro de Fortaleza, mais bonita? Era mais bonita, e rica. E ele achou que com pouco tempo ele começou a adoecer e... Morreu assim, o médico... Feito muitas cirurgias e sem saber, por que é todo retalhado, tá entendendo? Assim, sendo cortado e os pedaços não descobria qual era a doença dele. Pra descobrir a doença dele, foi feito muitas cirurgias, né? O pessoal diz que ele foi retalhado assim, por que abria e o médico não descobria que doença era, lá fechava, abria de novo, e ele foi morto assim.<sup>20</sup>*

A morte do assassino é narrada pelos devotos como uma justiça divina, pois ele pode até ter ficado em liberdade, casado novamente e ter riquezas materiais, mas a justiça de Deus no imaginário dos devotos é a mais justa e não falha. Sendo assim, o assassino teve uma morte parecida com a qual matou Maria das Quengas, sendo também “retalhado” pelos médicos. Todos esses elementos são ressignificados e formam o culto atribuído à Maria das Quengas, que será discutido no próximo capítulo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. *Projeto História*, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008.
- ARAGÃO, Iury Parente. A criação do santo não canônico motorista Gregorio. **Dossiê**. Acta Científica, Engenheiro Coelho, v. 20, n.3, p. 53-64, set/dez 2011. Centro Universitário Adventista de São Paulo – Unasp.
- CORREIA, Iara Toscano. JOÃO RELOJOEIRO: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia / MG (1956-2002). 2003 Dissertação – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2003.
- FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do Sertão Nordestino*. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil** – 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2000.
- GAETA, Maria Aparecida J. V. “Santos” que não são santos: estudos sobre a religiosidade popular brasileira. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n.1, p. 57-76, 1999.
- MARANHÃO, Airton. <sup>1</sup> Crime e milagres de Maria das Quengas. Disponível em: <http://tvrussas.com.br/artigo/205/crime-e-milagres-de-maria-das-quengas/> Acessado em 28/07/2014 15h12min.
- MORAIS. Álvaro Dellano Rios. *O povo fez sua santa: canonização espontânea nas narrativas dos devotos de Mártir Francisca de Aurora*. 2008. Dissertação- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2008.
- MORAIS, Álvaro Dellano Rios. *Santa do povo: comentários sobre a devoção à mártir Francisca de Aurora*. In: **Trajatos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento

<sup>20</sup> Francisca Feliciano do Carmo (Nilda), 60 anos.

de História da Universidade Federal do Ceará. – v. 4, n. 8 (dez. 2006). – Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002. P. 147-161.

NEVES, Guilherme Pereira. *A religião do império e a Igreja*. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial, Volume I: 1808-1831**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Crer para ver, merecer para pedir: o Padre Cícero na tradição dos devotos*. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover: Ensaio sobre a cultura cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. P. 91-102.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. P. 11-48.

RIOS, Kênia Souza. **Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na Seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult-CE, 2001.

SANTOS, Cicero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. 2009. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2009.

VIANA, Roberto dos Santos. ANDRADE, Solange Ramos de. Manifestações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao “santo” Lô. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. ISSN 1983-2859.